

A resistência pela memória Um estudo do grupo cultural constituído por frequentadores de Bailes da Saudade em Belém¹

Iris de Fátima Guerreiro BASTOS²

Leylla Raissa Sampaio MELO³

Juliana Pinheiro MAUÉS⁴

Rodrigo Rodrigues da CRUZ⁵

Shamara Christian Alves Fragoso da SILVA⁶

Universidade Federal do Pará, Belém, PA

RESUMO

Este artigo pretende traçar um perfil dos frequentadores dos chamados “Bailes da Saudade”, um tipo de festa cada vez mais popular na periferia de Belém, onde boleros, sambas-canção, merengues e temas de seresta são reproduzidos por aparelhagens sonoras. Em tempos de uma cultura profundamente midiática, na qual cabe aos meios de comunicação definir o que deve ser lembrado e o que deve ser esquecido, os bailes da saudade se constituem como um legítimo espaço de utilização da cultura enquanto modo de resistência ao império do hype e a memória hegemônica institucionalizada pela mídia, sem, no entanto, deixar de reproduzir a lógica de mercado capitalista.

PALAVRAS-CHAVE

memória; saudade; resistência; baile da saudade; Belém.

Presentes perpétuos, impossibilidade da vanguarda, febre de memória – termos que remetem à excessiva preocupação com o tempo na contemporaneidade. Mas, em 1933, Thomas Mann já afirmava: “É muito fundo o poço do passado. Não deveríamos antes dizer que é sem fundo esse poço?”. E antes mesmo dele, Proust escrevia “Em busca do tempo perdido”. Pensar o tempo e tentar compreendê-lo ou, ao menos, reverter os seus efeitos, mais que algo próprio dos dias atuais, é intrínseco à condição de ser humano. Foi a partir dessa premissa e, mais especificamente, do interesse sobre o estudo da memória, que surgiu o tema da pesquisa detalhada neste relatório: os bailes da

¹ Trabalho apresentado na Sessão Interfaces Comunicacionais, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação 8º semestre do Curso de Comunicação Social da FACOM-UFPA, email: irisgbastos@hotmail.com

³ Estudante de Graduação 8º semestre do Curso de Comunicação Social da FACOM-UFPA, email: leylla_melo@hotmail.com

⁴ Estudante de Graduação 8º semestre do Curso de Comunicação Social da FACOM-UFPA, email: ju_maues@hotmail.com

⁵ Estudante de Graduação 8º semestre do Curso de Comunicação Social da FACOM-UFPA, email: rodrigorc15@hotmail.com

⁶ Estudante de Graduação 8º semestre do Curso de Comunicação Social da FACOM-UFPA, email: shamarafragoso@yahoo.com.br



saudade enquanto fenômeno de resistência da memória coletiva vinculada à música. Além da reflexão sobre o tempo, outro aspecto importante para a delimitação do tema é o conceito da cultura enquanto recurso, desenvolvido por George Yúdice, segundo o qual a cultura, em época de mundo globalizado, assume determinados usos que escapam ao seu campo próprio para adentrar o espaço das finalidades, sejam elas políticas, sociais ou econômicas.

Antes de afirmar a justificativa e os objetivos da pesquisa, é essencial esclarecer alguns pontos sobre as palavras-chaves em torno das quais se desenvolve este artigo. O primeiro aspecto diz respeito à memória e à sua relação com o tempo. Afinal de contas, ela pertence ao passado ou ao presente? Ana Paula Ribeiro afirma que o tempo da memória é o presente, pois é a partir da atualidade que se constroem as lembranças.

Lembrar não é reviver uma experiência passada, mas reconstruí-la com imagens e ideias de hoje, a partir de materiais que estão à nossa disposição. As memórias são reinterpretações, reconstruções, continuamente atualizadas e reconfiguradas a partir das necessidades e das demandas do presente (RIBEIRO, 2008: 188).

Neste artigo, trata-se a memória não apenas enquanto aquela que guarda o passado. Ela é vista como o meio pelo qual o passado se faz presente. E, se o passado advém de uma construção coletiva, com a memória, não poderia ser diferente. Michel Pollak denomina memória subterrânea, aquela construída por grupos de pessoas à sombra da memória oficial. Esta última seria elaborada, ao longo do percurso da humanidade, pela História, que, com isso, ditaria o que seria ou não digno de lembrança e o que deveria ou não ser esquecido. Com a sociedade do espetáculo, esse papel é apropriado pela mídia. Mas os meios de comunicação trabalham com uma relação temporal diversa: enquanto a História se conta em séculos, ou, no mínimo, décadas, a mídia tenta dar conta do dia-a-dia. Ou seja, o volume de informações cresce exponencialmente e, com ele, o volume de esquecimentos.

O esquecimento sabe-se, é fundamental para a vida humana. O complexo nesse sistema de lembranças e vazios é questionar qual habilidade a mídia tem para ser detentora do poder que distingue o que merece ser lembrado e por quanto tempo, do que deve ser posto naquele baú de recordações que abrimos de vez em quando para apreciar

a nostalgia, e do que deve ser definitivamente esquecido. Em grande parte, as memórias subterrâneas se encarregam, senão do papel de questionar, ao menos do de demonstrar o quão às vezes esse aparato da mídia hegemônica pode ser driblado a partir da cultura. É nesse sentido que a pesquisa propõe a reflexão sobre os bailes da saudade enquanto lugar de resistência.

Bailes e memória musical

Esse tipo de festa nasce como uma variação direcionada ao público predominantemente adulto - entre 25 e 60 anos de idade – que tem preferência por um repertório musical considerado ultrapassado, composto de boleros, sambas-canção, merengues e temas de seresta, e reproduzido por aparelhagens ou acompanhado por cantores conhecidos dos bailes. Estima-se que, nacionalmente, os primeiros eventos com esse perfil surgiram em fins da década de 1990.

Em Belém, capital do Estado do Pará, um dos principais centros econômicos e culturais da região norte, com mais de 1.400.000 habitantes segundo dados do IBGE⁷, o fenômeno dos bailes da saudade adquire contornos próprios e está associado a uma proposta de contraposição ao tecnobrega, estilo musical em que são misturadas as letras que falam de amor, inspiradas no brega, com o ritmo acelerado do tecno. Essa fusão, que resulta em um estilo muito mais frenético que o brega tradicional, desagradou os freqüentadores de bailes dançantes, que constituem, hoje, o público dos bailes da saudade. Embora haja casas especializadas na realização de festas do tipo, pode-se dizer que, em Belém, os bailes fazem parte do chamado circuito bregueiro, pois são organizados pelos mesmos festeiros (contratadores particulares de festas) e aparelhagens análogas às do tecnobrega⁸, embora também haja as especializadas nesse tipo de música e festa, a exemplo da “Brasilândia”, “Globo de Ouro”, “Diamantina”, dentre outras.

Heloísa Valente, no artigo “Da duração do reinado do hit no império da mídia (mais questões sobre memória da canção)” contextualiza os aspectos envolvidos no fenômeno de proliferação, nos dias de hoje, de um estilo musical que cultua o passado.

⁷ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

⁸ Enquanto o tecnobrega registra as aparelhagens “Popsom” e “Rubi”, por exemplo, os bailes da saudade têm as variações, gerenciadas pelas mesmas empresas, “Pop Saudade” e “Rubi Saudade”.

O mundo pós-globalização parece ter trazido uma curiosa inversão de valores: se, de um lado, o homem passou a viver mais e conseguiu, com razoável sucesso, combater os efeitos do envelhecimento físico, de outra parte, o mundo no qual vive parece envelhecer rapidamente. Signos de efemeridade precisam de reforços memoriais para que permaneçam no *modus vivendi*. A mídia jorra signos que se esparramam à beira da incomunicação (VALENTE, 2007: 60).

A breve exposição destes conceitos evidenciam as justificativas para a realização desta pesquisa. Primeiramente, o fato de os bailes da saudade serem um fenômeno recente e parte ainda pouco estudada do circuito bregueiro de Belém. Em segundo, por terem adquirido, nesta cidade, características específicas que o diferenciam das festas do tipo que ocorrem em nível nacional. Finalmente, pelo caráter de resistência em relação ao império do hype⁹, que esse tipo de festa apresenta.

Os objetivos específicos da pesquisa são: traçar um perfil dos frequentadores desse tipo de festa; enumerar os motivos que os levam aos bailes; verificar qual a relação deles com a memória; observar o aspecto visual das festas, playlists, slogans e demais artifícios pelos quais os bailes se vinculam à noção de celebração do passado. O objetivo geral é demonstrar que os bailes da saudade são um espaço de utilização da cultura enquanto modo de resistência a memória hegemônica institucionalizada pela mídia.

Dos conceitos à experiência

Tendo em vista o desenvolvimento deste artigo, foram feitas duas visitas a casas de show especializadas na realização desse tipo de festa. Os resultados analisados a seguir foram obtidos a partir da observação do ambiente onde ocorrem os bailes e de entrevistas realizadas com frequentadores e funcionários dos estabelecimentos visitados.

Em 24 de maio de 2009, foi feita uma visita ao São Domingos Esporte Clube e Beneficente, casa já tradicional na realização de bailes, localizada na Av. Roberto

⁹ Expressão que denota a propaganda excessiva sobre um assunto, produto ou até mesmo sobre pessoas. Quando algo é falado ou divulgado à exaustão, popularmente, o “hype” mostra a sua face. Muitas vezes, é utilizado como sinônimo de moda ou modismo.

Camelier, nº 816, bairro do Jurunas. Nesse dia, acontecia o aniversário do clube. As aparelhagens que comandavam a festa eram “Márcio Som” e “Diamantina”.

Em 08 de junho, a visita foi à Casa de Shows Bolero, localizada na Tv. Padre Eutíquio, nº 3901, bairro da Condor. O baile acompanhado acontece toda segunda-feira, dia que, juntamente com o domingo, é o mais movimentado para esse tipo de festa em Belém, e chama-se “Ressaca da saudade”. Ocorre sempre ao som da aparelhagem “Pop Saudade”.

Passado e memória midiática nos bailes

A partir da sistematização dos dados da pesquisa de campo realizada, por meio de uma análise qualitativa, é possível perceber de que modo os Bailes da Saudade representam uma manifestação cultural que demonstra a resistência da memória no cenário contemporâneo, caracterizado pela efemeridade dos acontecimentos e pelas novas formas em que as relações sociais se estabelecem.

A priori, foi constatado que os bailes se caracterizam como um meio para a permanência de uma experiência coletiva, resgatada pela memória. Isso é demonstrado através dos tipos de música e dança – o repertório varia desde boleros, merengues, temas de serestas e bregas antigos à discoteca, flash backs e outros ritmos dançantes – que fazem parte desse estilo de festa. São eles, a razão apontada pela maioria dos entrevistados como aquela que os leva a frequentar os bailes.

Um ponto interessante constatado durante as visitas, liga-se à concepção de que a memória está relacionada às reconstruções contínuas das lembranças a partir do presente vivido. Ou seja, ela se constrói na atualidade e não no passado. Esse aspecto torna-se evidente nos Bailes da Saudade.

Em outras palavras, a lembrança do que chamamos de passado se produz, necessariamente e continuamente, no que identificamos como presente. (...) Pretende-se, com isso, recuperar e trazer para o presente uma forma de festejar que não é mais usual, pacífica e romântica que ficou no passado, mas que pode ser celebrada no presente (COSTA, 2008).

Muitos dos frequentadores enfatizam que não vão aos bailes movidos por um sentimento de nostalgia relacionado à lembrança “daquela época”, mas porque

pretendem se divertir, “curtir o som”, como declarou Ana Kátia, de 42 anos: “o importante é o futuro e não o passado, gosto só de curtir as músicas”.

É possível também afirmar que o “passado” evocado nos bailes, pela própria seleção musical, que inclui desde canções de muitas décadas atrás até outras relativamente atuais, não segue uma lógica temporal linear que classificaria o que pode ser considerado passado ou não de acordo com o ano de sua produção, mas uma lógica midiática, na qual, como já fora mencionado, é a ela que cabe ditar o que deve ser lembrado e o que merece ser esquecido. Ou seja, nesse tipo de festa, é passado aquilo que tem condições de “ser vendido” ao público enquanto tal, pois como afirma Ribeiro “a cultura da mídia é inerentemente amnésica, mas é também profundamente mnemônica” (2008 : 196).

Outro motivo bastante mencionado durante as entrevistas, que leva os frequentadores aos bailes, é a dança. As pessoas vão aos bailes não propriamente pela música em si, isto é por seu conteúdo que remete ao passado ou mesmo para ouvir a seleção musical, mas pelo ritmo, pela possibilidade de “dançar agarradinho”. Assim, reforça-se a tese de que, para aqueles que participam dele, o baile não se configura como um lugar para “curtir a saudade” e se lamentar por um tempo que passou, mas prioritariamente para a “matar a saudade” das formas de dançar de antigamente, como afirma Costa:

A saudade do baile da saudade é um desejo, que poderá ser satisfeito durante a ocorrência do evento festivo e pelo possível sucesso de sua busca de emular as formas festivas do ‘passado’. Este último, da mesma forma, deve ser compreendido nestas realidades festivas de modo também muito particular (COSTA, 2008).

Interfaces com o circuito de tenco-brega

Resta ainda um motivo apontado nas respostas que justifica a preferência por esse tipo de festa. Dentre todos, ele foi o mais citado, lembrado até mesmo quando eram mencionados outros, como a música e a dança. Ele está relacionado à questão da segurança nesse espaço. Para a maioria dos entrevistados (entre frequentadores e funcionários), os bailes são lugares mais tranquilos, sem qualquer tipo de violência, o que de acordo com alguns é o oposto do que acontece nas festas de tecnobrega.

Mas, se, nesse aspecto, os dois circuitos divergem bastante, há também similaridades entre eles. Uma delas envolve a questão estrutural e é perceptível pelas relações existentes entre as aparelhagens que animam os dois tipos de festa, como já fora mencionado na introdução deste artigo. Outro ponto em comum é o alto consumo de bebidas alcoólicas nos locais, independentemente da faixa etária dos frequentadores. Além disso, nos bailes, assim como nas festas de tecnobrega, há venda de produtos do próprio circuito (como camisetas e taças com a marca das aparelhagens). Há ainda vendedores ambulantes (de bombons, cigarros, tacacá, entre outros) que adquirem a própria renda através das festas, movimentando o mercado informal.

Falando da questão financeira, os bailes também são responsáveis pela alimentação de outro setor da economia. Destaca-se, na fala da maioria dos entrevistados, o consumo de coletâneas de CDs com músicas “do passado”, identificados pelos nomes das aparelhagens, que trazem, em sua maioria, os playlists das festas, e DVDs gravados durante os bailes ou produzidos posteriormente pelas aparelhagens. Ambos são disponibilizados no mercado informal de Belém, configurando uma verdadeira “indústria da saudade”. Segundo Ribeiro, na atualidade: “a memória tem se constituído numa verdadeira indústria. O passado vende bem e tem se tornado, cada vez mais, uma fonte lucrativa para o jornalismo e o comércio de entretenimento” (2008 : 196).

Identificação e pertencimento

Observa-se ainda, por meio das entrevistas realizadas com os frequentadores, a questão da “adequação” dos bailes em relação à idade dos participantes. Algumas respostas dadas a perguntas relativas ao porquê da preferência por esse tipo de festa, como “é o nosso ambiente, a nossa idade” (Iva Queiroz, 62 anos) ou “balada já não é mais para nós” (Nonato, 53 anos) demonstram que os frequentadores se vêem como um grupo, cujo ambiente mais “adequado” seria o baile da saudade, e somente ele. Assim, participar de bailes da saudade pode ser considerado um elemento de identificação desses indivíduos enquanto grupo que é reforçada pelo fato de estarem ali, o que os proporciona um sentimento de pertença.

As lembranças, apesar de pertencerem aos indivíduos e nos parecerem íntimas e pessoais, se originam na sociedade. Os

sujeitos só lembram a partir do ponto de vista de grupos sociais específicos, aos quais, de alguma forma, se vinculam. A questão da memória, por isso, está diretamente ligada a das identidades sociais, seja em que nível for. A memória fornece aos sujeitos, aos grupos e às nações coerência no tempo e coesão social (RIBEIRO, 2008:188).

Os bailes, portanto, enquanto lugar em que a memória é construída, podem ser considerados também como locais de construção de identidades. Essa relação é evidenciada tanto pelo estilo musical e pela dança, apontados anteriormente, como pelos slogans das próprias aparelhagens (“Brasilândia, o calhambeque da saudade”; “Pop Saudade, a máquina da Saudade”; “Alvi-Azul, a sintonia do passado”; “Rubi, a nave da saudade”), que associam o título da aparelhagem – e, conseqüentemente, as festas e seus frequentadores – a uma referência simbólica relacionada à saudade ou ao passado, que, como foi visto, mesmo que de forma um tanto contraditória, é adotada pelos participantes dos bailes.

Nesse sentido, a dinâmica construída pelos bailes da saudade segue o caminho oposto à lógica instituída nos circuitos de tecnobrega. Ou seja, apesar da inovação tecnológica permitir um melhor aparato técnico para produção musical na atualidade, ainda permanecem certos “nichos” de difusão de práticas culturais ligadas à música, que fazem não só uso de equipamentos considerados ultrapassados (como toca-discos, vinil), mas também de um estilo de dança peculiar, que podem ser caracterizados como uma forma de resistência por parte desses grupos sociais.

Considerações finais: sobre mídia, memória e resistência

A partir das visitas aos locais onde são realizados os bailes da saudade e das entrevistas com seus frequentadores, concluímos que essas festas constituem-se como espaço de resistência coletiva. Os bailes da saudade se opõem diretamente à cultura do novo, do efêmero e do fugaz, perpetuando, em sua lógica particular, a celebração de hits considerados defasados ou ultrapassados. São espaços de emergência da chamada memória subterrânea, pois aqui a memória é construída à sombra da memória oficial.

Trata-se ainda de um local de construção de identidades, onde os frequentadores se reúnem sob um sentimento de pertencimento mesmo, que embora

pareça uma vontade avassaladora de reviver o passado, acaba se revelando apenas uma enorme vontade de “matar” as saudades daquilo que já passou.

Os frequentadores dos bailes da saudade estão reunidos ainda sob outro aspecto, que não pode deixar de ser assinalado: o da idade. Em uma sociedade que valoriza cada vez mais a juventude e a novidade em detrimento da experiência e da maturidade, não causa estranheza que o capital e a indústria do entretenimento tratem também de direcionar seus fluxos de produção a este nicho de mercado, criando produtos e necessidades de consumo próprios para o segmento. Uma prova de que nem mesmo os espaços de resistência cultural são impermeáveis à força do capitalismo.

REFERÊNCIAS

COSTA, Antonio Maurício Dias da. Bailes da “saúde” e do “presente”: atualidades do circuito bregueiro de Belém do Pará. In: **Ponto Urbe – revista do núcleo de antropologia urbana da USP**. Ano 2, julho de 2008. Disponível em: <http://www.n-a-u.org/pontourbe03/mauriciocosta.html>. Acesso em 05 de junho de 2009.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. Os meios de comunicação e as políticas de memória e esquecimento. In: Eduardo Granja Coutinho; João Freire Filho; Raquel Paiva. (Org.). **Mídia e poder: ideologia, discurso e subjetividade**. Rio de Janeiro: Mauad, 2008, p.187-203.

VALENTE, Heloísa de Araújo Duarte. Da duração do reinado do hit no império da mídia (mais questões sobre memória da canção). In: **Comunicare - Revista do Centro Interdisciplinar de Pesquisa da Faculdade Cásper Líbero**. Vol.7, 2º sem. 2007. Disponível em: http://www.facasper.com.br/cip/comunicare/7_2/pdf/00B_Apresentacao.pdf. Acesso em 25 de maio de 2009.

YÚDICE, George. A conveniência da cultura. In: **A conveniência da cultura: usos da cultura na era global**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004. pp. 25-64.